

Director: José Manuel Fernandes
Directores-adjuntos: Nuno Pacheco e Manuel Carvalho
POL nº 5516 | Segunda, 2 de Maio de 2005

Centro de Apoio à Comunidade é caso de sucesso em Lisboa

Anabela Mendes

No Centro trocam-se receitas, aprende-se português e dá-se apoio jurídico. O projecto cresceu e vingou. Faz hoje um ano

O Centro Intercultural Cidade - Centro de Apoio à Comunidade, em Lisboa, comemora hoje um ano de actividade, com um balanço positivo muito acima das expectativas iniciais mas com muitos receios quanto ao futuro do projecto, já que o financiamento comunitário que o suporta termina em Dezembro.

O Centro, que surgiu da iniciativa comunitária Equal e intervém numa lógica de valorização da diversidade cultural das múltiplas comunidades dos bairros da Bica, Bairro Alto e Madragoa, concorreu aos financiamento comunitário através da Junta de Freguesia de Santa Catarina, depois do actual executivo municipal se ter desinteressado do projecto. Ultrapassando vários obstáculos, fixou-se em Santa Catarina, prestando apoio à comunidade local em geral e, em particular, à comunidade imigrante, a quem disponibiliza apoio jurídico gratuito, em particular na vertente das leis laborais e do reagrupamento familiar, assim como no encaminhamento e ajuda na legalização de cidadãos estrangeiros. O ensino da língua portuguesa a estrangeiros de todas as nacionalidades, mas com grande incidência de alunos chineses, é outro dos serviços que presta à comunidade imigrante, ajudando ainda artistas dos mais variados pontos do mundo a organizarem exposições de pintura, fotografia ou cerâmica, dando-lhes assim a possibilidade de divulgarem os seus trabalhos. Outro serviço que os imigrantes procuram com insistência é o acesso à Internet, que o Centro faculta gratuitamente, bastando para tal a inscrição dos interessados, que têm acesso a três computadores em simultâneo. De acordo com Anabela Dinis, da Junta de Freguesia de Santa Catarina e coordenadora do projecto Equal, é ali que os imigrantes fazem pesquisas para trabalhos escolares, procuram emprego e contactam as famílias no estrangeiro.

O centro oferece ainda acesso a oficinas de teatro e azulejaria, acompanhamento psicológico e animadas tertúlias sobre gastronomia, a que deram o nome de Conversas do Tacho.

Vamos trocar receitas

De acordo com Anabela Dinis, nessas tertúlias os participantes explicam como se confeccionam pratos típicos dos mais diversos países e acabam

todos em grandes jantaras num qualquer restaurante de Lisboa. Hoje, porque é dia de aniversário, haverá cachupa, confeccionada por um dos utilizadores do centro, e uma representação de ópera chinesa, cortesia de uma outra utente do espaço. Outra novidade é o lançamento do cartão dos amigos do Centro Intercultural Cidade, o primeiro passo para a criação de um Banco do Tempo, onde se passarão a trocar pequenos serviços, ajuda e companhia. Quem pode dá, quem precisa pede.

Como explica Anabela Dinis, o centro é o produto de um projecto de seis parceiros: Junta de Freguesia de Santa Catarina, União dos Sindicatos de Lisboa, Associação Cultural Etnia, Frente Anti-Racista, Associação Moinho da Juventude e o Centro de Estudos Territoriais.

Formaram animadores que intervêm no campo da educação intercultural, na sensibilização das empresas e organizações para a diversidade, atendimento de proximidade e contribuição para a capacitação das pessoas encontrarem os seus próprios caminhos, aumentando, paralelamente, a auto-estima das comunidades mais fragilizadas.

Semanalmente, o centro é frequentado por cerca de duas centenas de pessoas e os serviços vão surgindo conforme as necessidades e desejos dos utentes. Em breve, por exemplo, respondendo a muitas solicitações, vão ter início consultas de medicinas tradicionais como a acupunctura e o shiatsu. "Enquanto projecto comunitário, o Equal termina no final de Dezembro. A nossa grande preocupação agora é a continuação das actividades com financiamentos de outra ordem, que poderão complementar o auto-financiamento mas que obrigarão, necessariamente, à cobrança de alguns serviços que actualmente são gratuitos", diz Anabela Diniz. Seja qual for a solução a adoptar, ela "terá sempre de ser feita sobre a óptica da economia social, em que só pagarão os que têm meios para isso."